

MEDICINA



INCIDÊNCIA DE SÍFILIS EM GESTANTES NO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ- SC: ANÁLISE COMPARATIVA DOS ANOS DE 2007, 2017, 2018 E 2019

Claudia Sachett Mattanna Azambuja¹, Livia De Aragón Arias¹, Flávia Werner da Rocha Jesuíno¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

A sífilis é uma doença infectocontagiosa que ainda é um desafiador problema de saúde pública que afeta um milhão de gestantes por ano em todo o mundo. O risco de transmissão vertical encontra-se entre 50 e 85% e as taxas de mortalidade perinatal chegam a 40%. O objetivo deste trabalho foi verificar a incidência e traçar o perfil epidemiológico da sífilis em gestantes no Município de Itajaí-SC, nos anos de 2007, 2017, 2018 e 2019. Trata-se de um estudo descritivo retrospectivo baseado em dados fornecidos pelo Departamento de Vigilância Epidemiológica (DVE) do município de Itajaí, extraídos do banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) referente às notificações de sífilis em gestantes nos anos de 2007, 2017, 2018 e 2019. Os dados fornecidos foram: número da notificação, data de notificação, unidade notificadora, idade, etnia, realização de pré-natal, idade gestacional no diagnóstico, e classificação clínica. Foi realizado um estudo de regressão para avaliar a variação da ocorrência de sífilis em gestantes e determinar a taxa de crescimento no período considerado. A incidência de sífilis em gestantes a cada 1.000 nascidos vivos foi de 9,32 em 2007, 26,50 em 2017, 32,04 em 2018 e 37,11 em 2019, A faixa etária mais acometida foi a de 21 a 25 anos. A etnia mais acometida foi a branca, seguida da parda. O diagnóstico foi realizado predominantemente no terceiro trimestre em 2007, já nos anos de 2017, 2018 e 2019 houve uma inversão dessa proporção, quando houve maior número de diagnósticos do primeiro trimestre. A realização do pré-natal aumentou drasticamente de 2007, que era 75% para próximo a 99% nos anos de 2017, 2018 e 2019. Houve predomínio da fase clínica latente em todos os anos analisado. Em relação a unidade notificadora da doença, em 2007 o maior notificador foi o Hospital e Maternidade Marieta Konder Bornhausen, com 58,3% dos casos. Já nos anos de 2017, 2018 e 2019, as notificações passaram a ser realizadas em sua grande maioria nas Unidades Básicas de Saúde. DISCUSSÃO: A incidência de sífilis gestacional em Itajaí aumenta a cada ano, e supera as taxas de Santa Catarina e do Brasil. Ao estabelecer o perfil epidemiológico, a faixa etária mais acometida foi a de 21 a 25 anos e a etnia mais prevalente foi a branca, fato que pode ser explicado pela prevalência da população branca na região Sul. Houve uma ampliação da detecção precoce durante a realização do pré-natal, fato esse que corrobora com os dados obtidos na análise do quesito realização de pré-natal que alcançou taxas próximas de cem por cento. Outra melhoria da assistência ao pré-natal foi visualizada através da translocação das notificações do Hospital e Maternidade Marieta Konder Bornhausen para as Unidades Básicas de Saúde. Percebe-se que o município de Itajaí mantém a incidência desse agravo em ascensão, o que é revelado em virtude da boa assistência ao pré-natal com diagnóstico precoce de sífilis em gestantes.

Palavras-chave: Sífilis em Gestantes. Epidemiologia. Cuidado Pré-Natal Neoplasias da mama. Biomarcadores tumorais. Imuno-histoquímica. Prognóstico. Epidemiologia.

QUALIDADE DE VIDA EM FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM DIABETES TIPO 1 EM UM AMBULATÓRIO NO SUL DO BRASIL

Cecília Tazioli Engelbrecht Zantut¹; Janaína Sortica Fachini¹, Fabrício Sbroglio Lando¹, Carolina Barbieri Conti¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

O diabetes mellitus tipo 1 (DM1) é considerado uma doença auto-imune crônica caracterizada por uma deficiência de insulina e hiperglicemia. Os sintomas geralmente são clássicos em crianças, ocorrendo na maioria das vezes poliúria, polidipsia e perda de peso. A eliminação das células beta acontece muitas vezes por causas autoimunes e o seu tratamento consiste em repor essa insulina de forma parenteral. O objetivo desta pesquisa foi analisar as dificuldades que os pais/responsáveis de crianças com DM1 apresentam em relação à rotina do seu filho após o diagnóstico da doença. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo instrumento de coleta de dados consiste em entrevista semiestruturada, com perguntas norteadoras acerca do tema. Foram realizadas oito entrevistas, sete com mães e uma com um pai de pacientes do ambulatório de endocrinologia pediátrica do município de Itajaí, região sul do Brasil. Foram utilizados pseudônimos¹ para cada entrevistado e para investigação dos dados obtidos foi empregado o método de análise de conteúdo. A partir daí, emergiram três categorias de análise: DM1 como fator para adoção de um estilo de vida mais saudável, a dificuldade da família no acesso aos insumos através do Sistema Único de Saúde (SUS) e DM1 como limitante do convívio social.

Palavras-chave: Diabetes mellitus. Crianças. Qualidade de vida.

PREVALÊNCIA DE ALEITAMENTO MATERNO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Izabella Cristina Cordeiro¹, Priscilla Severino Gonçalves de Castro¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

O aleitamento materno (AM) é considerado a intervenção com maior potencial para a diminuição da mortalidade infantil. O presente estudo tem como objetivo avaliar a prevalência de aleitamento materno de uma Unidade Básica de Saúde. Trata-se de um estudo quantitativo e transversal, baseado em coleta de dados. A amostra é não probabilística e convencional compreendendo crianças de 0 a 24 meses de idade. Das 176 crianças entre 0 e 2 anos cadastradas na UBS em questão, foram entrevistadas 121 responsáveis. A análise mostrou que das 121 crianças, 71 (58,6%) crianças estavam atualmente em AM. Das 42 crianças com até 6 meses de idade, 26 (61,9%) estavam em AM exclusivo. Na faixa etária dos 7 meses a 24 meses, somente 31 (39,2%) crianças estavam em AM. Os motivos que levaram ao desmame foram: retorno ao trabalho (18,2%), rejeição da criança (8,3%), não quiseram continuar aleitamento (8,3%), baixa produção de leite (3,3%), indicação de profissional de saúde (3,3%), doenças da criança (1,7%) e dor ou fissuras na mama (1,7%). O estudo demonstra que a prevalência de AM exclusivo aos 6 meses se mostra satisfatória, apesar de estar longe das metas estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde. Além disso, a prevalência de AM até os 2 anos ainda é inferior às estimativas e constitui motivo de preocupação. Os dados são relevantes e auxiliam na formação de medidas efetivas de intervenção para modificar o quadro atual.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Nutrição do lactente. Epidemiologia. Saúde da criança.

ADMINISTRAÇÃO ORAL DE ÁCIDO ASCÓRBICO REDUZ A SEVERIDADE DA INFLAMAÇÃO COLÔNICA E REDUZ NEUROINFLAMAÇÃO HIPOCAMPAL EM CAMUNDONGOS EXPOSTOS AO DEXTRAN SULFATO DE SÓDIO (DSS)

Willian Franco Piazza¹, Vítor Velho de Castro¹, Tauani Caroline dos Santos França¹, Larissa Venzon¹, Camila Cazarin¹, Marcia Maria de Souza¹, Luísa Mota da Silva¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

O presente estudo avaliou o efeito da Vitamina C na severidade para colite ulcerativa (UC, do inglês ulcerative colitis) e sua relação com os níveis de neuroinflamação no córtex e hipocampo de camundongos colícticos através da determinação do índice de atividade da doença (IAD), de parâmetros neuroinflamatórios e da atividade locomotora desses animais. Foram utilizados camundongos Swiss, os quais foram divididos em 3 subgrupos, sendo eles: o controle não-colíctico (Naive), e dois grupos colícticos, um tratado com vitamina C (300 mg/kg, v.o) e outro com veículo (água, 10 ml/kg). A UC foi induzida com Dextran Sulfato de Sódio (DSS), administrado diluído a 3% em água por 7 dias. A fim de registrar alterações na atividade locomotora dos animais, foi utilizado o Teste de Campo Aberto (TCA), o qual também pode ser útil para relacionar a atividade locomotora do animal com comportamento tipo ansioso. O Índice de Atividade da Doença (IAD) foi mensurado por uma pontuação referente à presença de perda de peso, consistência das fezes e sangramento retal. Por fim, a neuroinflamação foi mensurada em amostras de hipocampo e córtex pré-frontal através dos níveis de Fator de Necrose Tumoral (TNF) e Mieloperoxidase (MPO). Nos resultados obtidos, foi possível verificar que a administração de vitamina C na dose de 300 mg/kg foi capaz de reduzir os níveis de IAD a partir do 6º dia, reduzindo a perda de peso e a diarreia destes animais. Em paralelo também foi possível verificar que os animais colícticos tratados com vitamina C apresentaram atividade locomotora semelhante aos não-colícticos no TCA. De forma interessante, os níveis de atividade de MPO e a quantidade de TNF no hipocampo de animais colícticos foram aumentados em 45,17% e 54,4%, respectivamente, quando comparados com animais não-colícticos. Contudo, o tratamento com vitamina C evitou o aumento da atividade da MPO e dos níveis de TNF no hipocampo de animais colícticos. Não houve diferença nesses parâmetros no córtex pré-frontal dos animais dos diferentes grupos experimentais. Assim, podemos inferir que a vitamina C promoveu redução da severidade da colite e da neuroinflamação hipocampal que pode ser associada ao dano intestinal. Outros experimentos ainda estão sendo feitos e mesmo que de forma preliminar, nossos dados indicam que a vitamina C tem potencial promissor no tratamento adjuvante da inflamação intestinal e na prevenção da neuroinflamação associada a perda da integridade da barreira intestinal.

Palavras-chave: Colite ulcerativa. Vitamina C. Inflamação hipocampal.

ALTERAÇÕES ENDOSCÓPICAS EM PACIENTES SUBMETIDOS À CIRURGIA BARIÁTRICA

Bruno Alexis Morales Huaco¹, Joel Antonio Bernhardt¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

Após falha do tratamento não cirúrgico para obesidade, a cirurgia bariátrica é eficaz em proporcionar perda de peso e sua manutenção ao longo prazo. A endoscopia digestiva alta é uma excelente ferramenta para avaliação das condições clínicas do trato gastrointestinal superior no pré e pós-operatório, o que pode afetar o manejo cirúrgico. Objetivou-se com a pesquisa analisar a prevalência de alterações gastrointestinais na endoscopia digestiva alta no pré e no pós-operatório de cirurgia bariátrica pelas técnicas de gastrectomia vertical e *bypass* gástrico em Y-de-Roux. Análise de achados endoscópicos pré e pós-operatórios a partir de um banco de dados de 1019 pacientes submetidos a cirurgia bariátrica pelas técnicas de *bypass* gástrico em Y de Roux e gastrectomia vertical em um Hospital de Referência no Vale do Itajaí-SC, entre 2001-2018. Resultados: Foram encontradas alterações gastrointestinais no pré-operatório de 70,3% dos pacientes, sendo gastrite (49,56%), teste da urease positivo (39,24%), e esofagite (30,81%) os achados mais comuns. No pós-operatório, houve diminuição significativa no número de endoscopias digestivas altas alteradas pelas técnicas de *bypass* gástrico em Y de Roux (n=333) e Gastrectomia vertical (n=45), caindo de 72,7-15,3% e de 77,8-60%, respectivamente. A gastrite diminuiu de 49,5-4,8% no *bypass* gástrico em Y de Roux, e de 64,4-17,8% na gastrectomia vertical. No *bypass* gástrico em Y de Roux, houve diminuição significativa na esofagite (31,5-7,5%) e da hérnia de hiato (21,6-1,2%), enquanto houve aumento do refluxo não estatisticamente significativo na gastrectomia vertical (35,6-48,9%). A porcentagem com teste da urease positivo no pós-operatório diminuiu de 38,5-12%. O *bypass* gástrico em Y de Roux se mostrou efetivo na redução de alterações gastrointestinais, com diminuição significativa na presença de hérnia de hiato, esofagite e gastrite, enquanto a gastrectomia vertical só se mostrou efetiva na redução de gastrite. Ambas as técnicas apresentaram diminuição significativa no número de endoscopias digestivas altas alteradas.

Palavras-chave: Endoscopia. Cirurgia Bariátrica. Obesidade.

CUIDADOS PALIATIVOS: A CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DE UM MUNICÍPIO DO VALE DO ITAJAÍ

Clarice Aparecida Munaro¹, Juliana Arnauts Nunes¹, Mylena Denardi Proença¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

Muitos foram os avanços na área de saúde no século XX, com isso o aumento da expectativa de vida e junto a ela os processos de adoecimento, a intensidade pela busca da cura e a negação da morte, e é nesse espaço que os Cuidados Paliativos (CP) surgem como prática distinta na área de saúde procurando explicar que a morte é um processo natural da vida, porém, que toda a pessoa com alguma doença incurável, intratável ou em processo ativo de morte precisa ser assistida integralmente respeitando suas vontades, crenças e valores por profissionais capacitados. Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas com perguntas norteadoras, realizadas com 7 profissionais de nível superior de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de um município do Vale do Itajaí, os quais compõem uma equipe de Núcleo Ampliado da Saúde da Família (NASF) e da Estratégia Saúde da Família (ESF). Isso, em vista que no Brasil, a Atenção Primária à Saúde (APS) é o principal nível de assistência para a prestação e coordenação dos cuidados em saúde inclusive nos CP de seus usuários. O objetivo geral deste artigo foi analisar a concepção sobre CP dos profissionais de saúde da APS de uma UBS de um município do Vale de Itajaí, com análise de conteúdo na modalidade análise temática. Neste estudo foi possível concluir que a maioria dos profissionais expõem uma concepção limitada sobre cuidados paliativos, dificuldade em identificar os pacientes que necessitam dos CP e, o modo como nortear esses cuidados pelo desconhecimento de instrumentos e protocolos que poderiam facilitar esse cuidado.

Palavras-chave: Cuidados paliativos. Atenção primária. Profissionais de saúde.

RESULTADO CLÍNICO, HISTOLÓGICO E ENDOSCÓPICO DE PACIENTES COM ESOFAGITE EOSINOFÍLICA APÓS OITO SEMANAS DE USO DE INIBIDORES DA BOMBA DE PRÓTONS

Fangio Ferrari¹, Letícia Dall'agnol¹, Daniel Cury Ogata¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

A esofagite eosinofílica (EoE) é uma doença inflamatória crônica do esôfago. Após o diagnóstico, que é feito com base em manifestações clínicas, endoscópicas e histológicas, uma opção terapêutica é o uso de inibidores de bomba de prótons (IBPs). O objetivo deste estudo foi comparar achados clínicos, histológicos e endoscópicos antes e após o tratamento com IBPs por 8 semanas; avaliar se há algum fármaco da classe com maior efetividade e identificar o fenótipo da doença com melhor desfecho após o tratamento. Após aprovação pelo comitê de ética, realizou-se um estudo transversal e retrospectivo da base de dados de um serviço terciário e foram selecionados 14 pacientes com diagnóstico de EoE que realizaram tratamento exclusivo com IBPs por 8 semanas, seguido de reavaliação clínica, endoscópica e histológica. Os resultados obtidos antes e após o tratamento foram comparados estatisticamente. O tratamento resultou em melhora clínica (78,6%; $p=0,016$; IC= 95% [60,5 a 100]), histológica (78,6%; $p=0,016$; IC= 95% [60,5 a 100]) e endoscópica (71,4%; $p=0,050$; IC= 95% [51,6 a 100]). Na análise histológica, observou-se redução da densidade de eosinófilos em 64,3% ($p=0,0003$) da amostra e ausência da degranulação de eosinófilos, distribuição intraepitelial difusa de eosinófilos, fibrose da lâmina própria e hiperplasia de células basais em 50% ($p=0,002$). Na avaliação endoscópica, observou-se redução de exsudato em 42,9% ($p=0,022$) da amostra, de estrias longitudinais em 28,6% ($p=0,115$) e de edema da mucosa em 7,2% ($p=0,663$). Não foi possível definir com relevância estatística qual o melhor IBP e qual fenótipo endoscópico correlaciona-se com melhor desfecho após o tratamento. Os IBPs constituem um tratamento eficaz, resultando em desfechos clínicos, histológicos e endoscópicos positivos na maioria dos pacientes analisados. Todavia, visto que não conseguimos responder com relevância estatística qual IBP apresenta maior efetividade e qual o fenótipo da doença está associado a melhores desfechos, são necessários novos estudos a fim de reduzir falhas terapêuticas e obter o controle precoce e efetivo sobre a progressão da doença.

Palavras-chave: Esofagite Eosinofílica. Inibidores da Bomba de Prótons. Endoscopia e Avaliação de sintomas.

PREVALÊNCIA DE SUICÍDIO EM ADOLESCENTES NO SUL DO BRASIL

Amanda Regina Grande¹, Jéssica Da Rocha Provim¹, Giovani Tesser¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

O suicídio é uma vicissitude de alta complexidade na saúde pública, atingindo todas as faixas etárias. Na adolescência, apesar de apresentar estatísticas mais baixas no mundo quando comparadas a outras faixas etárias, esse número tem aumentado e chama atenção por ser um evento trágico. Nesse contexto, o presente estudo prezou pelo intuito de investigar a prevalência de suicídio em adolescentes nos estados do sul do Brasil e em suas macrorregiões; trata-se de um estudo com dados secundários de domínio público e de tendência temporal. No estudo observou-se que a média de suicídio do Sul do Brasil é de 3,22 por 100 mil habitantes, sendo essa inferior à média apresentada pelo país, de 5,7. O estado do Rio Grande do Sul tem média de 3,60, Santa Catarina 2,99 e Paraná 3,07, concluindo que a maior média do sul do Brasil é a do estado do Rio Grande do Sul. E que prevalência de suicídio é menor na faixa etária que abrange dos 10 aos 14 anos, sendo maior na faixa etária de 15 a 19 anos no período estudado de 2000 a 2018. Conforme os resultados encontrados, foi possível também visualizar o aumento dos números de casos nas faixas etárias de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos em todos os estados do Sul do Brasil. Visualizou-se que enforcamento e intoxicação por substâncias estão entre os principais meios letais em todas as faixas etárias e em todos os estados estudados, no período de 2000 a 2015. Concluindo, é fundamental que essas informações estejam disponíveis aos profissionais da saúde, para que os mesmos possam buscar mudar os desfechos dos casos de suicídio.

Palavras-chave: Suicídio. Adolescente. Mortalidade. Saúde mental.

PERFIL DAS MENINGITES DE PACIENTES INTERNADOS EM UM HOSPITAL PEDIÁTRICO DA MACRORREGIÃO DA FOZ DO RIO ITAJAÍ-AÇU

Bruna Luiza Schnorrenberger¹, Júlia Boron Vivan¹, Marco Otilio Duarte Rodrigues¹, Sandra Witkowski¹, Regina Celia Santos Valim¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

Descrever o perfil geral dos casos confirmados de meningite em pacientes pediátricos. Metodologia: Estudo descritivo retrospectivo e quantitativo, cuja população foi composta por crianças de 0 a 14 anos, internadas no Hospital Infantil Pequeno Anjo, referência para a macrorregião da Foz do Rio Itajaí-Açu, com diagnóstico de meningite no período de 2017 a 2019. Resultados: Foram confirmados 139 casos de meningites nos anos analisados. Observou-se concentração dos casos no sexo masculino (60,43%) e na faixa etária de 3 meses a 5 anos (50%). Os sintomas mais relatados foram febre (39%), vômitos (26%) e cefaleia (21%). 70% dos pacientes não apresentaram sinais sugestivos no exame físico, no entanto, os mais vistos foram rigidez de nuca (61%), sinal de Brudzinski (17%) e petéquias (10%). A punção lombar foi realizada em 90% dos pacientes, tendo apresentado cultura positiva em 11% destes. Entre todos os casos, 52% tiveram etiologia viral, 20% bacteriana e 28% asséptica. Nas meningites bacterianas, os microorganismos identificados foram *Neisseria meningitidis* (8), *Haemophilus influenza* (2), *Streptococcus pyogenes* (2) e *Micobacterium tuberculosis* (2). O antibiótico mais utilizado foi a ceftriaxona (63%). Verificou-se que 5 pacientes (3,6%) evoluíram para óbito. Conclusão: Houve uma redução significativa e progressiva no número de casos de meningite ao longo desses 3 anos analisados. Febre e vômito foram os sintomas mais frequentes, com poucos achados específicos para meningite no exame físico. A meningite viral foi a mais prevalente, e dentre as meningites bacterianas a *Neisseria meningitidis* foi a com maior número de casos. Informações epidemiológicas são importantes para implementação e aprimoramento de medidas de saúde pública a fim de assegurar melhor assistência à população, a diminuição de casos nos últimos 3 anos pode estar relacionada a adesão maior à vacinação.

Palavras-chave: Meningite. Meningite bacteriana. Meningite viral. Epidemiologia. Pediatria.

COMPREENDENDO O AUTOCUIDADO DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO DIABETES MELLITUS TIPO 1

Mariana Sadowski¹, Clarice Aparecida Munaro¹.

¹Curso de Medicina, Escola de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, SC, Brasil.

O Diabetes mellitus tipo 1 é um distúrbio metabólico que acomete principalmente crianças e adolescentes. Para que a doença seja controlada adequadamente, o autocuidado é um processo essencial no plano terapêutico dos pacientes. Portanto, este estudo tem como objetivo compreender a abordagem do autocuidado no contexto de clínica ampliada, em adolescentes de 12 a 16 anos, portadores de Diabetes mellitus tipo 1, que estão cadastrados no Programa de Diabetes, do município de Itajaí – SC. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Para desenvolvimento do artigo, foram entrevistados 10 adolescentes de 12 a 16 anos de idade, que possuem Diabetes mellitus tipo 1. Para a coleta de dados, utilizou-se o instrumento da entrevista semiestruturada, que abordou questões da saúde do adolescente relacionadas à qualidade de vida e manejo do diabetes. A análise do conteúdo foi realizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e categorização por área temática. Identificaram-se três categorias: Compreensão da fisiopatologia do Diabetes mellitus tipo 1 e o reconhecimento de seus sinais e sintomas; A inserção da família no contexto do diabetes; A Inclusão do jovem com diabetes na sociedade. Conclui-se que os jovens possuem bom nível de conhecimento biológico sobre o diabetes, entretanto, os desafios enfrentados no âmbito familiar e social são as grandes limitações que dificultam o gerenciamento do autocuidado.

Palavras-chave: Diabetes mellitus tipo 1. Autocuidado. Saúde do Adolescente.